

RELAÇÕES ENTRE LETRAMENTO DIGITAL E INCLUSÃO SOCIAL

Luciana Velloso

Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail: lucianavss@gmail.com

Jacyra Eugênia Lima Carioca

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail: jacyrac@ymail.com

Cristine de Souza Castro do Nascimento

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail: cristine.scn@gmail.com

Mariana Azevedo Vinagre

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail: vinagre@hotmail.com

Resumo: O presente texto apresenta algumas considerações de pesquisa que se encontra em andamento, que tem como objetivo desenvolver um trabalho junto aos discentes da Faculdade de Educação do Curso de Pedagogia da UERJ, tentando compreender seus usos de recursos tecnológicos em um contexto de vida cada vez mais em rede. Através de pesquisas de cunho etnográfico que se utiliza de observações, registros em caderno de campo e questionários, buscamos entender, a partir da ótica dos discentes, como avaliam seus níveis de deslocamento, pertencimento, inserção e imersão nesta lógica multimidiática, com destaque para as mídias digitais móveis. Com a pesquisa, procuramos avaliar elementos como as facilidades e dificuldades dos discentes para lidarem com os recursos tecnológicos, as cobranças docentes e a relação com o currículo do curso, as diferentes formas de comunicação entre as turmas e como tais elementos repercutem em sua socialização dentro do espaço universitário. A partir do material produzido junto aos alunos/as, além da questão associada a uma reclamada falta de letramento digital, os discentes fazem o apelo para que mais recursos sejam oferecidos, de modo que de fato possam explorar estes novos espaços de sociabilidade e de produção/difusão de seus conhecimentos. Entendemos que por mais que se reconheça a inclusão digital enquanto um direito já garantido por lei, muito ainda há que se avançar para que nosso contingente de discentes possam se sentir integrados e de fato inseridos neste universo. Dentro da perspectiva do letramento digital que aqui assumimos, consideramos e defendemos a importância do acesso e do uso dos digitais recursos no campo educacional de forma mais ampla e democrática, de modo que a suposta inclusão digital de fato se dê.

Palavras-chave: Novas Tecnologias na Educação, Letramento Digital, Processos de Inclusão.

Introdução

Em meio a um contexto no qual cada vez mais percebemos a proliferação de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), a questão da velocidade é se coloca de modo pungente nos grandes centros urbanos. A fusão da tecnologia com a cultura (JOHNSON, 2001), hoje parece ganhar novos contornos cada vez que a partir de um simples toque de nossos polegares em um sensor de uma tela de cristal líquido nos permite acesso a um mundo que em outros tempos parecia impensável.

O discurso sobre a educação como uma das saídas para o enfrentamento de problemas não resolvidos da desigualdade e da não cidadania foi sendo estrategicamente construídos, pelo menos desde os anos de 1990. Surgiram demandas no interior do campo da educação – por novas formas de relação entre professores e alunos; pela inversão de modelos educativos baseados na transmissão de conhecimentos e correspondentes formas de “aferição da aprendizagem” por modelos baseados em diferentes formas de raciocínio crítico e complexo voltado ao desenvolvimento de uma capacidade de aprender; por reconhecimento de diferenças tradicionalmente escamoteadas ou de identidades emergentes no currículo escolar (BURITY, 2010).

Com a chegada do século XXI, querendo as escolas ou não, as NTIC estão fazendo parte do cotidiano de nossos alunos e alunas e, sem pedir licença, vão adentrando as salas de aula e muitas vezes gerando conflitos entre professores e alunos, que podem ver-se mutuamente como verdadeiros “alienígenas”, conforme nos indicam Green e Bigum (1995). Vai se consolidando a visão de que os meios de comunicação, sobretudo as NTIC representavam um veículo privilegiado para um projeto de cidadania, o que demanda um novo perfil de docente que esteja preocupado não mais apenas com uma formação para a leitura de livros, mas que leve em conta outro tipo de alfabetização, a da informática e das multimídias (MARTÍN-BARBERO, 2000, p.57). Assim, a questão da cidadania tem sido muito associada à capacidade da escola de formar leitores críticos de textos e hipertextos e a escola como um dos espaços que precisa se adequar a esta sociedade cada vez mais informatizada.

García Canclini (2001) indica que o exercício da cidadania tem estado cada vez mais atrelado ao consumo de bens simbólicos e produtos midiáticos. Há que se deixar registrado que para parte da população, o contato com esses recursos tecnológicos é algo muito insipiente e fragmentado para que possamos dizer que estão conectados a essa teia informacional. A escola é para esses grupos o lócus por

excelência onde podem usufruir de um computador sem que precisem pagar para isso nas *lan-houses*.

Entender as novas tecnologias como um fenômeno social é entender que ela revolucionou não só a comunicação, mas também as relações humanas. E se como diz Brandão (1987), entendemos que educação são todas as relações inter e intra-pessoais, precisamos admitir que o advento dos novos recursos tecnológicos reconfiguram cada vez mais as estruturas educacionais.

A opção de trabalhar, por vezes, com o termo letramento ou alfabetismo em lugar de alfabetização, para o presente texto, aconteceu, principalmente por se considerarmos que alfabetizado é aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, prática eminentemente escolar e restrita, e não aquele que se apropriou das práticas sociais que demandam o uso da leitura e da escrita, que leva em conta os conhecimentos desenvolvidos pelos sujeitos, mesmo os não alfabetizados, nas suas práticas cotidianas, em sociedades letradas (SOARES, 2017). Deste modo, optamos por nos apropriar desta concepção de letramento para pensar processos de letramento e inclusão digital.

Nossa pesquisa toma como foco a visão dos alunos e alunas do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e a importância do acesso e do uso dos recursos tecnológicos em suas vidas universitárias. Através de trabalho de cunho etnográfico que se utiliza de observações, registros em caderno de campo e questionários, buscamos entender, a partir da ótica dos discentes da Faculdade de Educação do Curso de Pedagogia da UERJ, como avaliam seus níveis de deslocamento, pertencimento, inserção e nesta lógica global mais ampla (em interlocução com o macro), mediados pelos recursos multimidiáticos, com destaque para as mídias digitais móveis. Com a pesquisa, procuramos avaliar elementos como as facilidades e dificuldades dos discentes para lidarem com os recursos tecnológicos, as cobranças docentes e a relação com o currículo do curso, as diferentes formas de comunicação entre as turmas e como tais elementos repercutem em sua socialização dentro do espaço universitário.

Metodologia

Em função das constantes interrupções no calendário da UERJ, o que aqui pudemos apresentar foram constatações parciais do material já organizado da pesquisa que segue em

andamento. Foram aplicados 40 questionários¹ fruto de encontros presenciais, nos quais fazíamos uma breve apresentação da pesquisa e seu intuito. Com a concordância dos discentes, os questionários eram preenchidos nos intervalos das aulas, no espaço do Centro Acadêmico do curso de Pedagogia, na cantina e nos bancos do hall do curso, local de grande movimentação de docentes e discentes.

Os depoimentos coletados nos questionários aplicados com discentes do curso de Pedagogia da UERJ gravitam em torno de temáticas como relação com as novas redes, aplicativos e programas de comunicação digitais; facilidades e dificuldades para o uso das novas tecnologias dentro e fora da Universidade; relação entre aceitação ou não dos docentes para com o uso das novas tecnologias em sala e fora dela e se sentiam falta de uma formação que estivesse mais integrada ao uso das novas tecnologias na Universidade.

Resultados e Discussão

Com base nas informações contidas nos questionários, foram constatadas algumas informações bastante relevantes para a pesquisa. No que tange à faixa etária da amostra, os discentes apresentavam as seguintes informações: até 25 anos: 61,53%, de 26 à 40 anos: 23,07%; acima de 40 anos: 15,38%.

Observamos que 92,30% dos pesquisados/as utilizam o grupo de WhatsApp da turma, o que facilita a circulação mais rápida de informes e dúvidas. Embora seja alto o quantitativo dos/as que acessam, há também um total de 2,56% de discentes que não utilizam estes recursos, o que faz com que muitas vezes se sintam excluídos/as das decisões da turma. Também tivemos um quantitativo de 5,12% de alunos/as que não responderam.

O e-mail da turma também se mostrou, segundo os alunos, um espaço de circulação de informações de grande importância como bolsas, comunicação com professores/as e trocas de links de vídeos e textos relativos ao curso e diferentes disciplinas. Desse modo, considerando a situação de instabilidades pela qual a UERJ atravessa, também são divulgados nos e-mails das turmas petições e abaixo-assinados. No caso dos e-mails, 87,17% se utilizam desse meio, 7,68% alegaram não utilizar, enquanto 5,12% não responderam.

Ainda no que se refere ao uso de tecnologias na Universidade, percebemos um movimento relacionado aos altos custos com Xerox de textos das disciplinas. Com isto,

¹ No presente trabalho, são apresentados dados relativos a questionários aplicados com estudantes do curso noturno, em função de ser este o turno no qual a docente e as alunas bolsistas que fazem parte da pesquisa se inserem.

destaca-se um elemento fundamental relacionado ao uso das tecnologias móveis: a leitura através do dispositivo dos celulares. Neste item, o quantitativo de 76,92% dos/as alunos/as fazem leitura através deste recurso. 17,94% não usam e 5,12% não responderam.

Percebemos que existe uma demanda dos alunos no sentido de terem mais possibilidades de acesso ao universo digital e nesse sentido, o sinal do Wi-Fi é algo recorrente nas falas, assim como falta de computadores para uso e realização dos trabalhos e outras solicitações feitas pelos docentes, como pesquisas. A Faculdade de Educação não dispõe atualmente de um Laboratório de Informática próprio, havendo apenas um computador com acesso à Internet no Centro Acadêmico, que é muito disputado pelos discentes, sobretudo nos finais de semestre, além de três *netbooks* na biblioteca. Há uma sala de aula que dispõe de computadores com acesso à Internet, mas estes são para uso exclusivo durante as aulas que ali ocorrem.

Fazemos também menção a outro aspecto que se destacou nas respostas, que foi o aprendizado no âmbito doméstico. Se no começo do século XXI as escolas com aulas de Informática eram diferenciais, bem como certificações em cursos extracurriculares de Informática (incluindo digitação), atualmente a questão do acesso às tecnologias de forma mais democrática, incluindo Internet de maior velocidade é um tema mais usual.

Tanto nas escolas quanto nas Universidades e na sociedade em geral, existe o interesse pelo acesso a computadores e redes Wi-Fi grátis, muito relacionados aos altos preços dos aparelhos de tecnologias móveis e a constante “inutilidade” e rápido processo de obsolescência dos mesmos frente a ausência de Internet, alto custo de manutenção dos equipamentos e dispositivos. Com estes empecilhos relacionados à manutenção, dificulta-se o acesso de quem não o possui em outros espaços, muito em função de falta de condições financeiras. Vemos assim se perpetuando mais uma forma de exclusão, e a contrapartida à inclusão digital como direito.

Com relação ao aspecto citado anteriormente, já existe toda uma discussão da Organização das Nações Unidas que em 2014 declarou que o acesso à internet, assim como o acesso à água, à luz é considerado direito humano básico². Esta demanda já era apresentada por pesquisas como a realizada pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP)³, porém, há que se problematizar se este direito busca unicamente formar cidadãos para

² Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/educacao-e-midia/onu-declara-acesso-a-internet-como-direito-humano-basico-e-a-escola-com-isso/> (Acessado em 03/10/2017)

³ Fonte: <http://www.usp.br/agen/?p=152175> (Acessado em 03/10/2017)

uma formação mais adequada ao mercado de trabalho, ou que possam se beneficiar dos recursos digitais de forma mais ampla.

O letramento digital, portanto, começa a ser encarado não como parte de uma disciplina ou algo que possa se restringir a espaços específicos, mas como algo que possa ser inserido na discussão sobre formação continuada, pois demanda aprendizagem contínua de um campo que está permanentemente se reconfigurando, sendo altamente mutável. Consideramos de grande relevância que as Universidades e demais espaços educacionais possam rever seus tempos e espaços de modo a identificar as necessidades postas pela nossa sociedade.

Cabe o questionamento sobre os modos através dos quais este processo de formação continuada visando este processo de letramento digital poderia ocorrer. Em Universidades como a Federal do Rio Grande do Sul (FURG)⁴ e a Universidade Federal de Alagoas (UFAL)⁵, existem cursos que são oferecidos pelas universidades, buscando oferecer noções de informática ao seu alunado.

Com relação aos cursos oferecidos anteriormente e que exemplificam demandas que nossos estudantes trazem, enfatizamos que dos entrevistados sinalizam para a necessidade de uma capacitação voltada para os docentes que apresentam dificuldades em lidar com o uso das tecnologias em suas aulas. Tivemos depoimentos bem sugestivos, tais como o que indicou: *“Percebo a necessidade de oficinas de acesso às extensões de arquivos, compatibilidade com sistema operacional, assim como noções básicas de software”*. A expressão “alfabetização digital” também surgiu em uma das falas, mas como algo que era visto como necessidade por parte dos/as professores/as da faculdade que na visão do/a aluno/a que respondeu a este questionário, não aparentavam ter domínio dos recursos para utilizá-los nas turmas. Os escritos foram bem incisivos: *“com relação a situações que observo sobre a relação dos docentes para com o uso das novas tecnologias, vejo que alguns precisam de alfabetização digital”* (grifos nossos). Com isto, pode-se inferir que tanto para discentes quanto para docentes, o acesso e uso das diferentes tecnologias é visto como necessário e de relevância para viabilizar relações de ensino e aprendizado mais efetivas.

Por não serem todos/as a que possuem outras redes de mediações ou auxílios em casa ou outros espaços, a ideia de uma “disciplina” foi evocada, numa tentativa dos discentes de tentar minimizar a distância que sentem dos que já trazem consigo todo um capital cultural

⁴ Fonte: <http://www.inclusaodigital.c3.furg.br/> (Acessado em 03/10/2017)

⁵ Fonte: <http://www.ufal.edu.br/noticias/2017/7/centro-de-inclusao-digital-da-ufal-oferta-cursos-em-areas-da-informatica> (Acessado em: 03/10/2017)

herdado, nos termos de Bourdieu (1998), voltado para o uso de diferentes mídias. O trecho a seguir corrobora com tal preocupação: *Sinto falta de uma formação acadêmica que esteja integrada ao uso das novas tecnologias, como uma disciplina para os excluídos, os analfabetos digitais. Dependendo da ajuda e orientação de filhos, colegas de turma e da pessoa que fica na Lan House”.*

Observamos ainda que os/as entrevistados/as que apresentam dificuldades no uso de tecnologias sinalizaram que no cotidiano da Universidade, por vezes, têm a impressão de estarem excluídos de participarem ou entregarem atividades que são solicitadas, por sentirem que são excluídos ou “analfabetos digitais”, uma vez que observam e pontuam nos questionários que o acesso, o conhecimento e o uso das novas tecnologias são saberes que os docentes consideram que todos já possuem. Muito pelo contrário, nos chama atenção o destaque que alguns trechos trazem para este aspecto da falta de acessos em outros espaços, para além da faculdade:

Em minha opinião nem todo mundo tem acesso ao computador, Internet, etc. em casa. Algumas disciplinas fazem uso de slides e colocam no e-mail da turma, para alguns isso é um adiantado, mas para outros se torna complicado. Tive a disciplina de Tecnologias onde o uso era bem restrito enquanto que a maior parte de nós tinha que ver em casa.

Além da questão das redes familiares de apoio aos usos, a questão infra-estrutural não passou despercebida. Conforme já discutimos anteriormente, a falta de um Laboratório específico para o curso de Pedagogia é, na visão dos estudantes que preencheram os questionários, um grande empecilho. Pois além de falta de tempo, para muitos/as falta o próprio recurso em si e a falta dos mesmos em seus lares acaba por fazê-los com que busquem outros espaços para realizar as tarefas. O uso da Lan-House acabou surgindo como um destes espaços de sociabilidade e de possibilidade de novos tipos de conexões:

Na biblioteca tem poucos computadores, não temos acesso ao laboratório do décimo segundo andar, nem no centro acadêmico que foram roubados, o que significa que o estudante precisa acessar de casa e se não tem precisa ir numa Lan house.

Em suma, além da questão associada a uma reclamada falta de letramento digital, os discentes também fazem o apelo para que mais recursos sejam oferecidos, de modo que de fato possam explorar estes novos espaços de sociabilidade e de produção/difusão de seus conhecimentos.

A relação estabelecida entre artefatos tecnológicos e aprendizado tem sido oficialmente apresentada como forma de democratizar o ensino e nesse contexto estão em circulação significantes privilegiados (LACLAU, 2010, 2013) como inclusão digital e social, inovação e cidadania. Entendo que os significantes de inclusão e cidadania encontram-se articulados ao discurso da qualidade na educação e este significante também se apresenta como muito presente nos discursos que fazem menção ao uso das tecnologias.

Nesta disputa por significação, enfatizo o estudo dos significantes privilegiados (LACLAU, 2010, 2013) de inovação, inclusão digital / social e cidadania que aparecem articulados à ideia de qualidade da educação. Por significantes privilegiados, Laclau entende noções que, dado seu forte apelo popular, acabam condensando em si uma série de significados, adquirindo assim o papel de articulação, dentro de um determinado contexto.

Conclusões

Podemos perceber com o auxílio de autores como Martín-Barbero e Rey (2004) a mudança de protocolos de leitura, o que acarreta um novo tipo de letramento propiciado pelo advento da cibercultura (LÈVY, 1999). As tecnologias então seriam responsáveis por (re)organizar as práticas sociais, acarretando uma série de consequências consideráveis para pensar a leitura e a escrita no âmbito pedagógico.

Diante do que podemos constatar como a emergência da inclusão digital enquanto aspecto emergente da retórica do século XXI, ainda nos deparamos com diversos aspectos a serem abordados, tais como o problema da exclusão digital, seja pela falta de acesso, pela dificuldade no uso (questão do letramento digital), ou por diversos outros elementos que dificultam esta retórica se efetivar em práticas.

Entendemos que algumas iniciativas se fazem necessárias para facilitar os processos de letramento e inclusão digital, demandando elementos como vontade política e ações coletivas institucionais e individuais, infraestruturas e aplicações (por exemplo, de redes sem fio, redes fixas e ferramentas de colaboração), vinculação de bibliotecas e conexão com equipamentos e redes digitais, acesso à informação e trabalhos que objetivem a ampliação da ideia de letramento para aglutinar tanto textos quanto hipertextos.

Utilizando a ideia de alfabetização informacional apresentada por García-Moreno (2011), mas resignificando-a para pensar a noção de letramento digital, entendemos que estes movimentos implicam o desenvolvimento de toda uma capacidade de obter maior autonomia

na seleção, avaliação e processamento de informações, e também um trabalho de formação ao longo da vida.

Apesar de entendermos que existem diferentes formas pelas quais os discentes acessam os recursos tecnológicos para suas atividades acadêmicas e extra-acadêmicas, muitos/as ainda se sentem "excluídos no interior", nos dizeres de Pierre Bourdieu e Patrick Champagne (1998).

Entendendo que as diferenças e as desigualdades de acesso e uso (GARCÍA CANCLINI, 2007) existentes não só em nível local, mas também global são imensas, o que nos faz identificar a existência destes “excluídos no interior das salas de aula” (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 1998) e como sua desconexão se faz presente. Apesar de entendermos que existem diferentes formas pelas quais os discentes acessam os recursos tecnológicos para suas atividades acadêmicas e extra-acadêmicas, muitos/as ainda sentem certa carência no que tange ao uso mais voltado para finalidades acadêmicas, gerando certa exclusão em relação a colegas de turma que já tenham mais domínio de tais recursos.

Consideramos que embora a Universidade lide com um público de alunos/as diversificado, com um grupo bastante conectado que em sua maioria nos demonstrou ter facilidade com a cultura digital, alguns não dispunham destes recursos (VELLOSO, 2017). Muito ainda há que se avançar para que este contingente de discentes possam se sentir integrados e de fato inseridos nesta cultura de letramento digital. Um trabalho de formação contínua que contribua para que as tecnologias possam unir e aproximar o corpo discente da instituição de ensino e seus atores, cada vez mais e tornando-se potenciais criadores nos processos de ensino e aprendizado.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATTANI, A. (org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p.39-64.

_____. ; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, M. A.; CATTANI, A. (org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 217-227.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). et al. **A questão política da educação popular**. São Paulo: Editora Brasiliense.1987

BURITY, Joanildo Albuquerque. Teoria do Discurso e Educação: reconstruindo o vínculo entre cultura e política. **Revista Teias**. v. 11, n. 22, p. 07-29, maio/agosto 2010.

ELLIOTT, A.; URRY, J. **Mobile Lives**. London: Routledge, 2010.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

GARCÍA-MORENO, Maria Antonia. As Tecnologias da informação e comunicação no contexto da alfabetização digital e informacional. In: CUEVAS, Aurora; SIMEÃO, Elmira (orgs.). **Alfabetização informacional e inclusão digital: modelo de infoinclusão social**. Brasília: Thesaurus, 2011. p.39-53.

GREEN, Bill; BIGUN, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p.208-243.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

_____. ; MOUFFE, Chantal. **Hegemonía y estratégia socialista: Hacia una radicalización de la democracia**. 3. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

LÈVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, [18]: 51 a 61, maio/ago, 2000.

_____. ; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. 2.ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

VELLOSO, Luciana. **e-Mosaicos: Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp/UERJ)**. V.6 – N.12, Agosto de 2017, p. 176-189.